

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria da Conceição Fontinha

registada em 2008-09-17
por

Carla Aguiar e Hugo Pereira

Maria da Conceição Fontinha

Maria da Conceição Fontinha Ribeiro, nasceu no Piódão, a 17 de Julho de 1960. Os pais chamam-se António Lopes Fontinha e Maria da Conceição. A mãe sempre trabalhou na agricultura e em casa. O pai também trabalhou na construção civil. Maria da Conceição teve seis irmãos, duas raparigas e quatro rapazes. Andou na escola, até à quarta classe, no Piódão. Quando saía da escola, ainda tinha que ir ajudar a mãe a fazer o trabalho. “Nos campos, a guardar as cabras e, às vezes, ainda ia com ela ao mato e à lenha.” Já conhecia o marido há muito tempo. Mas ele é que a escolheu. “Vinha ao Piódão todos os domingos, praticamente, e andava por aqui a trabalhar nas obras, muitas das vezes.” O casamento foi na igreja do Piódão no dia 9 de Outubro de 1997. Maria da Conceição esteve sempre no Piódão com os pais. “Ajudava nos campos e na mercearia.” Actualmente, ajuda o no restaurante que o pai abriu, trata das tarefas domésticas e do seu filho.

Índice

Identificação Maria da Conceição Fontinha Ribeiro.....	4
Ascendência António Lopes Fontinha e Maria da Conceição.....	4
Casa A casa dos meus pais.....	4
Infância Entre a escola e o campo.....	4
Educação "Nem uma conta sabem fazer".....	5
Religião A catequese.....	6
Namoro "Eram namoros".....	6
Casamento "Ainda não foi há muitos anos".....	6
Descendência O Jorge Miguel.....	7
Percurso profissional Sempre a ajudar os pais.....	7
Migração "Saiu tudo para Lisboa".....	7
Costumes Os dias de antigamente.....	7
Lugar A minha terra.....	10
Avaliação "Ao menos aprende".....	14

Identificação *Maria da Conceição Fontinha Ribeiro*

O meu nome é Maria da Conceição Fontinha. Agora, tenho Ribeiro, também. Nasci no Piódão a 17 de Julho de 1960.

Ascendência *António Lopes Fontinha e Maria da Conceição*

Os meus pais chamam-se António Lopes Fontinha e Maria da Conceição e são naturais do Piódão. A minha mãe sempre trabalhou na agricultura, em casa. O meu pai também trabalhou na construção civil. Cultivavam milho, batatas, feijão, hortaliças e cebolas. Com o milho, faziam broa. A minha mãe é que as fazia. Agora vêm os padeiros, já se não faz. A que se cá fazia era melhor. Eu gostava. Os animais, tinham-nos nos campos. Não estavam nas lojas da casa. Tinham cabras e ovelhas. Tomávamos conta deles, um dia uns, outro dia outros e a minha mãe.

Tinha seis irmãos, agora já tenho só cinco. Éramos três raparigas e quatro rapazes. O que faleceu e outro trabalhavam por conta da Câmara. Uns trabalhavam na hotelaria e tenho outra que agora está a trabalhar numa fábrica.

Casa *A casa dos meus pais*

A casa dos meus pais, primeiro, era feita em pedra. Ainda não era como as de agora. Eram diferentes. Eram muito mais pequenas e ainda não eram rebocadas, nem pintadas. Ultimamente, quando estive com eles, era uma casa normal. Antigamente, ainda não tinham casa de banho. Tinha três quartos. Dormiam dois a dois.

Infância *Entre a escola e o campo*

Eu era miúda ainda e cá no Piódão não havia televisões. Passávamos o tempo em casa uns com os outros na brincadeira. Também não havia muito tempo, porque a gente vinha já à noite para casa. Durante o dia ia-se ajudar a fazer o trabalho nos campos, na agricultura. A gente tinha que ajudar a fazer o que era preciso. Umás vezes, ia-se tratar do gado, outra vez, era o mato, a sachar, empalhar, enleirar, regar. O que era preciso era o que a gente fazia.

Sem tempo para brincar

A gente brincava com as outras miúdas que havia, quando tinha tempo para isso. Nessa altura, a gente arranjava brincadeiras. Às vezes, arranjavam jogos para fazerem mas, nesse tempo, todos os pais faziam-nos ir trabalhar. Não tinha muito tempo para brincar. Havia menos que o que têm agora. Agora, vêm da escola e já não fazem mais nada. A gente saía da escola ainda tinha de ir ajudar os pais.

Educação "*Nem uma conta sabem fazer*"

Andei na escola, até à quarta classe, no Piódão. A gente, no primeiro dia, ainda não estava habituada, custava mais, mas depois habituava-se. Aprendíamos melhor que aprendem agora. As professoras exigiam mais. Puxavam mais pelos alunos, faziam mais para os ensinar que se calhar agora fazem. Quando eu andei na quarta classe, acabava o tempo de estar nas aulas e ainda vinha para o pé da casa da professora. Ela ainda nos ensinava lá mais. Agora, não é exigente. Alguns nem uma conta sabem fazer. Antigamente, se não aprendiam, levavam. Dizem que as professoras, ao primeiro, não batiam... Ai não!

Já lá vai há tantos anos... Já não me lembro muito bem, mas mesmo contas e tudo, hoje ainda sei fazer bem.

As professoras

Ainda me lembro de algumas professoras. Pelo menos, algumas duas ou três tive. Tive uma que casou cá no Piódão. Foi a última. Outra era de Cantanhede e outra era mais velhota. Dessas três ainda me lembro. Não sei se foram mais. As professoras, nesse tempo, também cá não paravam muito. Às vezes, nem acabavam o ano. Estivemos aí muito tempo que nem aulas tínhamos. A professora que veio foi-se embora e depois não apareceu cá mais. Veio outra, a Gorete. Ela é daqui e acabou o ano. Nessa altura, chegámos lá a andar quase 60 alunos só para uma professora!

Havia livros, cadernos e umas pedras, umas lousas, que tinham uns caixilhos, onde a gente escrevia com lápis de pedra. Bem bons! Havia umas

canetas de tinta permanente. A gente tinha um tinteiro, depois enchia-as e escrevia com elas.

Na escola, tinha que estudar e aprender, mas tinha os recreios para brincar. Faziam jogos e entretinham-se lá nas brincadeiras que haviam nesse tempo. Também era pouco tempo. Jogavam à malha, ao finto, à nexa - como chamavam - e a muitos que já nem me lembro. Já vai tanto ano... No jogo do finto, punham uma pedra de um lado, outra do outro. Depois atiravam com uma para fincarem a outra. Às vezes ainda jogava.

Quando saía da escola, muitos dias, quando era no Verão, ainda tinha que ir onde a minha mãe andava, para lhe ir ajudar a fazer o trabalho. Nos campos, a guardar as cabras e, às vezes, ainda ia com ela ao mato e à lenha. Tinha que fazer os deveres da escola à noite, à luz de candeeiro a petróleo.

Religião *A catequese*

Fui a catequese na igreja do Piódão. Quem a dava era o padre e as raparigas da aldeia. A gente tinha de aprender o que elas ensinavam. As primeiras coisas que ensinavam era o Pai Nosso, a Ave Maria e a Santa Maria. Ensinavam também a Confissão, o Acto de Contrição, Salve Rainha... Ensinavam assim muitas coisas.

Namoro "*Eram namoros*"

Eu já conhecia o meu marido há muito tempo. Ele é da mesma freguesia. Pertence a Chãs d'Égua. É de perto. A gente não precisava de escrever cartas, porque era perto. Não era como agora namoram, eram namoros diferentes... Ele é que me escolheu. Vinha ao Piódão todos os domingos, praticamente, e andava por aqui a trabalhar nas obras, muitas das vezes. Primeiro, foi pedir ao meu pai.

Casamento "*Ainda não foi há muitos anos*"

Casei na igreja do Piódão no dia 9 de Outubro de 1997. Ainda não foi há muitos anos. Eu levava o vestido de noiva, o vestido branco, e o meu marido levava um fato, camisa branca e um laço. Havia muita gente. Era a minha família e pessoas amigas. Depois, foi o almoço e o jantar ali na casa da Junta. Foi lá que o restaurante serviu. Antigamente, chamavam-se pessoas de família para ajudarem a fazer as coisas. Faziam os casamentos em casa. Mas agora vêm os restaurantes

servir o almoço. Para o pequeno-almoço, cada um faz em casa. Os preparativos foram normais.

Actualmente, o meu marido ora trabalha aqui no Piódão ou em Chãs d'Égua. Trabalha na zona ou vai trabalhar para fora. Onde o patrão tem as obras é que ele vai trabalhar. Vai e vem todos os dias.

Descendência *O Jorge Miguel*

Tenho um filho que nasceu em 2003. Chama-se Jorge Miguel e tem 5 anos. Anda na creche na Aldeia das Dez.

Percurso profissional *Sempre a ajudar os pais*

Estive cá sempre no Piódão com os meus pais. Eles tinham uma mercearia e eu trabalhava lá com eles. Ajudava nos campos e na mercearia. Depois, o meu pai pôs o restaurante e eu ajudava lá também.

Hoje, ajudo no restaurante e tenho a minha vida para fazer. Lavar roupa, fazer o almoço para o meu marido levar, tratar do miúdo, dar-lhe o pequeno-almoço para às oito menos 20 o ir levar à carrinha para a creche...

Nunca tive assim grandes sonhos. Há crianças que dizem:

- "Eu quando for grande, quero estudar para isto, quero estudar para aquilo... Quero ser isto, quero ser aquilo..."

Eu nunca tive ambições por nada. Nunca tive grandes ambições nem grandes sonhos.

Migração "*Saiu tudo para Lisboa*"

Agora, no Piódão, já cá mora pouca gente. A rapaziada mais nova, mais ou menos da minha idade, saiu tudo para Lisboa, para arredores. Está quase tudo para lá. Uns vão para um lado, outros vão para outro. Como não tinham cá empregos, ia-se tudo embora. Não tinham cá onde se governar, tinham que ir à procura de emprego. Já tinham famílias que iam levando uns aos outros. Gostava de cá ver mais gente, mas não há. As pessoas mais antigas já morreram também...

Costumes *Os dias de antigamente*

"A festa anual"

No Piódão, ainda há uma data de santos. A padroeira é a Senhora da Conceição. Tem o São Pedro e depois outros santos. Faziam a festa anual. É em Agosto. Pedem sempre o terceiro fim-de-semana. Depende do dia que calha. Os mordomos é que costumam organizar. Costumam fazer a procissão com os santos, costumava haver a filarmónica para abrilhantar a procissão e há a missa. A procissão leva uns 13 ou 14 andores. Ainda são uma data deles. Este ano saíram. Já não há tantas mulheres com fogaças como havia antigamente. Também já não fazem assim muitas fogaças como faziam primeiro. Primeiro, faziam mais. Muitas raparigas iam ver as festas e dançar. Iam para os bailes, quando tinham tempo.

A Páscoa, o Natal e o Dia da Espiga

Pela Páscoa, dão as boas-festas pelas casas. Andam os mordomos e a rapaziada a tocarem às campainhas. Os miúdos vão às casas todas. Vão dar o Nosso Senhor a beijar. No Domingo de Ramos fazem a missa, benzem os ramos e fazem a Procissão dos Ramos. Os ramos, guardam-nos. Quando está as trovoadas, há pessoas que os queimam. Qualquer louro que benzem no Domingo de Ramos, põem nas cruzes nas portas e nos campos no Dia de Santa Cruz. Dizem que é para Santa Cruz de Maio abençoar os campos. Sempre ouvi dizer isso.

Havia pessoas, que diziam que a Quinta-feira da Ascensão era o Dia da Espiga. Iam aos campos e apanhavam as espigas de centeio. Mas eu nunca fiz isso.

No Natal faziam a fogueira nas vésperas. Depois, faziam o presépio na igreja e diziam a missa. O presépio tem várias figuras. Tem lá o Menino Jesus, o São José, Nossa Senhora... A refeição de Natal é igual à dos outros dias, cada um arranja o que quer. Costumavam fazer as filhós, também havia quem fizesse as fatias douradas, faziam de tudo. As fatias cá feitas é o pão molhado em leite e ovos e depois frito.

A matança do porco

O porco levava para aí um ano a criar. Depois, era no Inverno que eles costumavam matar. No dia da matança do porco, reuniam-se as famílias, matavam-no e depois, com as carnes do porco, faziam o almoço ou o jantar, dependia. Se fosse de manhã, fazia o almoço, se fosse à tarde, fazia o jantar para comerem todos. Matavam o porco e depois chamuscavam-no para lhe tirar os cabelos, aqueles pêlos que eles têm. Não se ia comer a carne assim com eles. Agora já é a maçarico, mas nesse tempo era com carquejas aí dos montes. Lavavam-no bem lavado, abriam-no e cortavam a carne. Agora congelam, mas nesse tempo, não. Punham nas salgadeiras com sal, para a conservarem e depois iam comendo todo o ano. Também faziam chouriças e enchidos. Punham em azeite.

O queijo

A minha mãe fazia queijo. Eu também ainda fiz alguns. Tinha que coar o leite. Depois, botava-lhe o cardo. Deixava-o coalhar e fazia-se no acincho, que é uma forma que há. Calca-se o leite e sai o soro. A gente chama soro àquele leite. Fica o queijo feito. Agora, já não faço queijo. A minha mãe já não tem cabras e eu também não as tenho. Não tinha tempo para tratar delas.

"A Casa da Padaria"

Antigamente, havia cá uma padaria. Agora alugam-na para turismo rural. Era uma padaria. Iam vendendo também para outras terras vizinhas. Levavam o pão num burro com uma carroça.

Para ter farinha iam moer o milho aos moinhos. Havia cá muitos. Iam lá moer. Eram de várias pessoas. Cada um sabia o dia que havia de ir moer. Estava o tempo dividido.

Nessa altura, gastavam mais broa cozida. Cada um cozia para si. A minha mãe fazia broa assim: punha a farinha na gamela, uma coisa comprida. Punha o fermento e a água quente para amassar. Amassava e punha a levedar. A quantidade era a precisa para amassar. Aquilo não era por medida, era até a farinha estar toda amassada. Nem podia ficar muito rija, nem muito mole, para a broa ficar boa. Tinha de ficar assim numa medida média.

Para cozer a broa, tinham uns fornos a lenha. Hoje coziam uns, amanhã coziam outros. Coziam duas e três pessoas ao mesmo tempo. Lá lhe punham uns

sinais para saberem as que eram de umas, as que eram de outras. A minha mãe é que a estendia, é que lá as punha.

Comida regional

A comida regional costuma a ser chanfana. Mesmo quando faziam as festas, o prato típico era esse. É carne de cabra, tempera-se com alho, cebola, azeite, sal e vinho branco. A gente costuma pôr-lhe uma erva que cá tem que se chama serpão. É assado no forno com batata

Os doces que cá que costumam fazer é a tigelada, o arroz-doce e as filhós. A tigelada faz-se com leite, ovos e açúcar. É cozida no forno. Para 1 litro de leite leva doze ovos e o açúcar é até estar doce. As filhós têm a farinha, os ovos, fermento e amassa-se com água. Depende da quantidade que se quiser fazer. Não é bem por medida. O açúcar e a água é até estar amassado.

Lugar *A minha terra*

Sempre ouvi chamar Piódão, nunca ninguém me disse de onde é que vinha o nome. Antigamente escreviam com "am", depois é que começaram a escrever com "ão", mas de onde é que veio esse nome, não sei.

A igreja é o monumento que o Piódão tem, o monumento principal.

Sem água, nem luz, nem telefone

Antigamente não havia água nas casas. A gente ia buscá-la aos chafarizes públicos, com uns cântaros e umas bilhas. Julgo eu que o lavadouro que cá houve sempre foi aquele que existe hoje. Primeiro, ia lavar ao rio, a gente fazia uns poços nos barrocos. Estava sempre a água a correr e a gente lavava lá.

A iluminação era com candeeiros a petróleo. A gente ia às mercearias comprá-lo. As mercearias vendiam e a gente comprava. Pela rua, a gente tinha de andar com umas lanternas. Para nos aquecermos, era nas lareiras. Todas as casas tinham lareira. Acendia-se o lume e a gente aquecia-se assim. Enquanto estava a aquecer, às vezes, estava a fazer a vida de casa. Íamos buscar lenha aos montes, às costas. A luz só veio em 1978 ou 1979. Sempre já se via melhor que com os candeeiros a petróleo.

No meu tempo, já havia telefone. Quando veio a luz, ainda havia só o telefone público. Depois começaram a pôr os telefones aí nas casas. Primeiro, era numa mercearia que havia ao lado da minha casa e depois já era no

estabelecimento, que agora é do meu pai. Nesse tempo ainda não era dele, era de um primo meu.

Azul e branco

As portas e janelas são azuis, porque as pessoas gostaram de começar a pintar de azul. Acho que é a cor que mais se adapta, que encaixa mais na pedra. Até houve uma altura em que a Câmara aconselhava a pintarem de azul e branco. As janelas pintadas de azul e de branco sobressaem mais na pedra. Eu gosto de ver. Tanto que as minhas portas, são em azul e as janelas em azul e branco.

"Havia no Piódão muito mais gente"

Era do campo que as pessoas se governavam, praticamente. Do milho, das batatas, do feijão, era como se primeiro governava. Agora já cada um cultiva para si. O que está aí é tudo relva. Os velhotes já não podem, pessoas novas, também cá há poucas. Têm pouco tempo para andar a cultivar. Primeiro, estava tudo cultivado e agora está tudo relva. Havia no Piódão muito mais gente que não há hoje. Havia pedreiros, serradores, carpinteiros...

A vida não será muito mais fácil, agora. A vida no campo é sempre na mesma. As máquinas também não entram aí nas leiras. Era como antigamente, à mão. A gente nos campos faz tudo à mão.

Os sardinheiros

Peixe, era os que tinham as mercearias. Vinham também os sardinheiros vender. Nesse tempo chamavam os sardinheiros. Traziam sardinhas. Vinham cá vender ao Piódão mas os que tinham as lojas, as mercearias, também vendiam. No meu tempo, já cá havia a estrada e eles vinham aqui com as camionetas e com as carinhas trazer até às lojas.

Mel, abelhas e afins

Havia aí pessoas que tinham abelhas e vendiam mel. Agora já não há assim muito. As abelhas também morrem e com os incêndios estragaram tudo. O mel, são as abelhas que o fazem. Têm as colmeias. Depois, vão lá, de vez em quando, ver como é que elas estão. Têm que as curar. Compram remédio para as curar. Aí para Julho, Agosto costumam crestar. É só no fim da floração. Quando já não

há grandes flores, é que se tira o mel. Antigamente era nos quadros. Agora, já é quase tudo móveis. Tiram as alças para fora, tiram-lhe os cortiços, tiram-lhe o mel. Tem uma máquina para tirar mel. As abelhas mordem mas as pessoas não podem fazer nada. Atiram-se a eles e mordem quando lá andam a mexer. Por isso, davam-lhes o fumo. Têm os "afaradores" e dão-lhe o fumo para elas se afastarem mais, mas, mesmo assim, elas mordem.

O tipo de mel depende da floração. Quando é do mato negro é mais escuro. Agora, como ardeu, já não havia tanto mato negro. O mel era mais claro. Dizem que o do mato negro faz melhor, para as constipações e tudo.

Os médicos e os xaropes

Antigamente, os médicos vinham cá ao Piódão, mas eles não eram de cá. Nesse tempo, nem sei se era oito dias se era mais que eles cá vinham. Já não me recordo. Que me eu lembre, o doutor Vasco também ainda cá veio várias vezes aí. O que me lembra mais, daqueles mais antigos, era do doutor Parente e do doutor Cosme. Não me lembra mais. Agora, o médico, às vezes, ainda está mais de um mês sem cá vir.

Não sou muito amiga de chás. Quando estou doente, às vezes, costumo fazer xarope de cenoura com mel. Misturo também um bocado de açúcar, quando ando constipada. Para o xarope de cenoura com mel, corta-se as cenouras às rodelas e põe-se-lhe mel e um bocado de açúcar. A maior parte das vezes é o que costumo fazer. Aquilo faz molho, dá aquele sumo e bebe-se. Para mim, ainda me faz melhor que os xaropes das farmácias. Eu, às vezes, tomava dois frascos dele e não fazia nada! A única coisa que ainda me fez melhor, uma vez que estive internada em Coimbra, foi uns comprimidos que me lá deram no hospital. Depois, acabaram com eles. Agora, não os há. Às vezes faziam também chás de ervas para as constipações.

O pé "estrutagado" era quando dava mau jeito. Às vezes, diziam que havia pessoas que sabiam coser mas eu nunca cosi. Não sei, nunca vi. As pessoas diziam que punham água num púcaro. Faziam lá umas rezas, cosiam num pano com uma agulha e linhas e, se a água recolhesse, o pé que estava "estrutagado" passava. Não sei como é.

A carreira

Antigamente, também nem havia estradas nem nada. Não sei como é que eles vinham para o Piódão! A estrada chegava só à serra. Iam até lá de carro e

depois vinham a pé. A carreira é do meu tempo. No dia da inauguração, para os miúdos, foi uma alegria. Nunca cá tinham visto a carreira.

Primeiro, começou a vir às segundas, quartas e quintas. Depois, passou a ser só às segundas e quintas e agora é só à quinta-feira. Já não havia passageiros que compensasse vir cá aqueles dias todos. Ficou só à quinta-feira, o dia de mercado em Arganil. A camioneta, no Verão, sai a um quarto para as nove daqui e de Arganil às três horas. Na parte de Inverno, é às seis e meia. No Inverno, o horário muda para levarem os alunos para a escola. Por isso é que vai mais cedo.

No Inverno à lareira

A parte de Inverno torna-se mais fria. Mas, geralmente quando vem, chega a todo lado. Há dias que no Piódão está tudo limpo. Não está aí muito frio. A gente vai aqui para Côja, Arganil e até Coimbra e ainda lá está mais frio. Ainda há lá mais gelo que aqui. A gente estava em casa à lareira. Primeiro, não havia assim tanta roupa como há agora. Não era tão forte. Agora, sempre há muito mais roupa e a gente já compra roupas até mais adequadas ao Inverno que nesse tempo.

O que mudou?

Sempre houve coisas que mudaram. Antigamente não havia electricidade, hoje há. Não havia água em casa, hoje toda a gente tem água em casa. Não havia esgotos, hoje há. Sempre houve melhorias.

Quem tratou dessas coisas foi o meu pai. Na altura era Presidente da Junta. Tratou dos projectos para isso e depois ainda ajudou a pôr. A electricidade foi a EDP. Os esgotos foi um empreiteiro que andou aí a trabalhar, a abrir as valas. Trouxe pessoal daqui a trabalhar para isso. O meu pai também lá andou.

A Comissão também contribuiu com melhorias. A estrada dos Penedos Altos para baixo, foi a Comissão que a abriu. Em colaboração com a Junta, ainda fez alguma coisa, mas, mesmo assim, a Junta fez mais melhoramentos que a Comissão. Pôs a água, esgotos, a electricidade, puxou para cá essas coisas. O alcatroamento da estrada, também foi a Junta. Decerto, as estradas também.

Há muita coisa que gostava de ver mudado. Precisava-se de melhores acessos, precisava-se do parque, que foi embora com as enxurradas. Mas são coisas que não dependem de nós.

Mesmo antes de lá estar o INATEL, já vinha muita gente para cá. Para mim, não me faz diferença que cá andem turistas. Desde que não nos venham prejudicar

Eu, para mim, sinto-me cá bem. Pode haver pessoas que digam o contrário. O Piódão, já sabe, na parte de Inverno é mais frio, mas na parte de Verão também aquece bem. Para mim, acho bonito, com as casas tudo em pedra, tudo em xisto. Até há pessoas que chamam "Aldeia Presépio", porque tem as casas juntas, encostadas umas às outras. Quem vem do lado de frente, parece um presépio. A mim, já me disseram muitas vezes:

- "Olha! Aqui vem a menina da "aldeia do presépio"."

Até em Coimbra já me disseram isso.

No Piódão, ao menos, há ar puro. Não há cá poluições, não há cá barulhos, não há nada. Hoje em dia ainda se vive melhor aqui que nas cidades. Aquilo é só assaltos. Só se ouve dizer: "hoje mataram este, amanhã mataram aquele, hoje assaltaram este...". Por isso é que lá nas cidades se não vive muito bem. É diferente aqui nas aldeias. É mais sossegado. Há muita pessoa que gosta de Lisboa, mas eu não trocava o Piódão por Lisboa. Aqui a gente anda mais à vontade e vive mais sossegada.

Avaliação "Ao menos aprende"

Para mim está bem este trabalho. Ficam a saber como é que cá no Piódão se fazia o serviço, como é que se faziam as coisas. Ao menos aprendem como é que a gente cá trabalha.